

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v20i35.1027>

***O PAPEL DAS REDES NAS TRAJETÓRIAS MIGRATÓRIAS DE BRASILEIROS QUE EMIGRARAM AO PARAGUAI (1970-1980)<sup>1</sup>***

***THE ROLE OF NETWORKS IN THE MIGRATORY PATHS OF BRAZILIANS WHO EMIGRATED TO PARAGUAY (1970-1980)***

***EL PAPEL DE LAS REDES SOCIALES EN LOS CAMINOS MIGRATORIOS DE BRASILEÑOS QUE EMIGRARON A PARAGUAY (1970-1980)***

VANUCIA GNOATTO

ORCID: <https://orcid.org/0000-002-0199-7127>

Doutoranda pela Universidade de Passo Fundo (UPF)

Professora da rede pública estadual do Rio Grande do Sul (SEDUC/RS)

Barra Funda/Rio Grande do Sul//Brasil

[vanuciagnoatto@gmail.com](mailto:vanuciagnoatto@gmail.com)

**Resumo:** A busca pela propriedade da terra motivou uma expressiva emigração de brasileiros ao Paraguai, que, em muitos casos, já haviam feito outros deslocamentos para o estado do Paraná para só depois emigrarem para o país vizinho. O presente trabalho tem como objetivo analisar o papel das redes sociais na emigração e estabelecimento dos imigrantes brasileiros no Paraguai, mais especificamente, em algumas colônias, atualmente distritos do Departamento de Alto Paraná, no período de 1970 a 1980. Trata-se, metodologicamente, da análise de histórias orais de vida. Inicialmente, discute-se, teoricamente, a noção de redes; num segundo momento, analisa-se a influência das redes nas trajetórias migratórias dos entrevistados desde os seus deslocamentos anteriores à emigração ao Paraguai e, por fim, se estuda o papel das redes nos estabelecimentos desses imigrantes nos distritos paraguaios.

**Palavras-chave:** Paraguai. Redes. Emigração.

**Abstract:** The search for land ownership motivated a significant emigration of Brazilians to Paraguay, who in many cases had already moved out to the state of Paraná and only later emigrated to the neighboring country. This paper aims to analyze the role of social networks in the emigration and establishment of Brazilian immigrants in Paraguay, more specifically in some colonies which are currently districts of the Department of Alto Paraná, from 1970 to 1980. Methodologically, this work is the analysis of oral life stories. Initially, the notion of networks is theoretically discussed; secondly, the influence of networks on the migratory trajectories of the interviewees is analyzed beginning from their displacements prior to emigration to Paraguay. Finally, we study the role of networks in the establishments of these immigrants in the Paraguayan districts.

**Keywords:** Paraguay. Networks. Emigration.

**Resumen:** La búsqueda de tierras ocasionó una expresiva emigración de brasileños hacia Paraguay que, en muchos casos, ya habían realizado otros desplazamientos hacia el estado de Paraná y solo posteriormente emigraron al país vecino. El presente trabajo tiene como objetivo analizar el papel de las redes sociales en la emigración y el establecimiento de inmigrantes brasileños a Paraguay, específicamente, en algunas colonias, actualmente, distritos del Departamento de Alto Paraná, desde 1970 a 1980. Metodológicamente se trata del análisis de relatos orales de vida. Al principio, se discute

<sup>1</sup> Artigo submetido à avaliação em agosto de 2022 e aprovado para publicação em outubro de 2022.

teóricamente la noción de redes; en segundo lugar, se analiza la influencia de las redes en las trayectorias migratorias de los entrevistados desde sus desplazamientos previos a la emigración a Paraguay y, por último, se estudia el papel de las redes en el establecimiento de estos inmigrantes en los distritos paraguayos.

**Palabras clave:** Paraguay. Redes. Emigración.

## **Introdução**

O presente artigo busca analisar o papel das redes de emigração e o estabelecimento de brasileiros no Paraguai, mais especificamente em algumas colônias, atualmente distritos<sup>2</sup> do Departamento de Alto Paraná na região este do país – emigração esta impulsionada pela busca de terras e de trabalho no campo.

Nesse sentido, faz-se necessário contextualizar historicamente esse fenômeno. Na segunda metade do século XX, Paraguai e Brasil passam a adotar uma geopolítica de aproximação entre si, com diversos acordos e obras, sendo a de maior destaque a Usina Hidrelétrica de Itaipu Binacional. Essa busca pela aproximação pela parte do Brasil tinha como objetivo atrair o Paraguai para o seu espaço de influência, reduzindo a hegemonia que a Argentina possuía na região (ALBUQUERQUE, 2005). Já do lado paraguaio, a intenção com a aproximação era deixar de ser dependente da Argentina, buscando outra via para escoar os seus produtos e se modernizar. Essa estratégia adotada pelos dois países se intensificou durante as ditaduras desses dois Estados.

Ao mesmo tempo, os dois países, dentro de um contexto internacional da “Revolução Verde”, impulsionada principalmente pelos Estados Unidos (BRUM, 1985), que visava à modernização agrícola, adotaram essa política, cada um a seu tempo, nesse setor. De um lado, a política paraguaia passa a ser de ocupação e modernização agrícola da região leste do país. Para isso, passa-se a incentivar a presença exógena com a abertura das fronteiras para imigrantes brasileiros. Conforme apontam Palau e Heikel (2016), os elementos que impulsionaram as políticas públicas de povoamento, de ordem geopolítica, visavam ocupar os espaços “virgens”, além da busca pela diminuição da tensão devido às formas de trabalho compulsório presente na região e à escassez de terras, bem como da busca pela modernização agrícola da região.

De outro lado, na década de 1970, no Brasil, principalmente nos estados do sul do país, a política de modernização agrícola ganha mais força, levando à mecanização das

---

<sup>2</sup> No Paraguai, o termo distrito equivale ao que, no Brasil, se entende por município. Já no Brasil, o termo distrito denomina uma subdivisão administrativa local dentro de alguns municípios.

atividades do campo, à valorização das terras e a um aumento da produção. Por sua vez, esse contexto não foi nada favorável para pequenos agricultores e outros trabalhadores do campo, que se somando a uma realidade de fracionamento das propriedades agrícolas familiares, altos custos para a produção e diminuição de atividade braçais, dificultou a permanência de muitas famílias no campo, restando, por alternativa, a aquisição de terras ou a busca por trabalho nos campos do Paraguai.

Bárbara (2005) classifica a emigração de brasileiros ao Paraguai em dois momentos. O primeiro, na década de 1960, constituído por imigrantes originários do Norte e do Nordeste do Brasil, posseiros que passaram pelos estados de Minas Gerais, São Paulo e Paraná, preparando o terreno para a expansão da fronteira agrícola capitalista. O segundo ocorreu na década de 1970, na qual o Paraguai recebeu um grande número de camponeses que migraram do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul - atraídos pelo preço da terra, que chegava a ser cinco vezes mais barato do que no Brasil, bem como pela existência de terras férteis.

É necessário mencionar que esse processo migratório acontece dentro de um contexto histórico de ditadura nos dois países, em que o Brasil, na década de 1970, com o destaque pelo “milagre econômico”, contraditoriamente presencia a maior saída de brasileiros ao Paraguai – país que, por sua vez, passou adotar uma política de fronteiras abertas para imigrantes, principalmente do sul do Brasil, nesse período, visando à modernização agrícola.

Porém, é importante considerar que os fatores políticos atrativos do lado paraguaio não foram os únicos motivadores para a emigração de brasileiros para aquele país. Para Baller (2014, p. 62), “[...] a presença de milhares de brasileiros no Paraguai não foi somente obra de políticas governamentais dos dois países com *A Marcha para o Oeste* no Brasil, e a *Marcha se hace al Este* no Paraguai”. Segundo o autor, no caso dessa emigração, “[...] houve a junção de um processo espontâneo de deslocamento populacional devido à concentração da propriedade fundiária nos estados do Sul e Sudeste do Brasil, no início da segunda metade do século XX” (BALLER, 2014, p. 62). Existe uma mescla de movimentos migratórios, tanto organizados pelos próprios estados desse processo migratório entre Brasil e Paraguai quanto de movimentos espontâneos que já se ocorriam no interior do território brasileiro.

Como aponta Albuquerque (2005), em cada geração, os imigrantes, denominados “pioneiros”, na grande maioria, migravam mais de uma vez, sendo que o local intermediário do fluxo migratório dos rio-grandenses foi, muitas vezes, o estado de Santa Catarina – isto é, moraram por alguns anos naquele estado antes de migrarem ao Paraná, Mato Grosso do Sul e

ao Paraguai. Já para o outro fluxo migratório, São Paulo e a região norte do Paraná eram os pontos intermediários, ou seja, a grande maioria dos nordestinos e mineiros que morou no Paraguai residiu alguns anos em São Paulo e no estado do Paraná. Grande parte dos nordestinos migrou entre as décadas de 1950, 1960 e 1970, buscando trabalho na derrubada das árvores e na destoca em fazendas para cultivar menta e café.

Diante disso, para captar e analisar a influência das redes, metodologicamente, parte-se da análise de histórias de vida<sup>3</sup> de brasileiros que emigraram para o Paraguai entre 1970 e 1980. As histórias de vida são versões de narrativas criadas depois de eventos, utilizadas e reelaboradas pelos sujeitos, famílias e comunidades. As narrativas trazem elementos importantes da experiência migratória, lidando com a expectativa de possíveis futuros, mostrando como os migrantes souberam lidar com as implicações de seu deslocamento, buscando sentido nelas. Em cada fase, “[...] as histórias de vida articulam os significados da experiência e sugerem maneiras de enfrentar a vida” (THOMSON, 2002, p. 359). Quando registradas, para o autor, não se percebem somente evidências importantes das vivências passadas, mas o permanente desenvolvimento das formas de construção de suas vidas. Vistas dessa forma, as histórias orais dos migrantes possibilitam evidências sobre experiências passadas e histórias de vida, que, por sua vez, constituem parte importante e material da vivência dos migrantes (THOMSON, 2002). Acerca da história oral de vida:

É um método fundamental porque a biografia singular é, sobretudo, o *récit* de um destino único, que não se refere a algo predeterminado, fora da vida dos indivíduos, porém à ideia segundo a qual a trajetória é forjada no contexto social ao qual o indivíduo pertence (SILVA, 2010, p. 25).

Assim, para realizar entrevistas do tipo história de vida e entender a subjetividade das pessoas, o método privilegiado é a entrevista. A entrevista com o sujeito permite apreender “[...] o percurso geográfico das pessoas” e, especialmente, as motivações para a migração. Ela possibilita um conhecimento melhor “[...] dos lugares geográficos onde viveram as pessoas entrevistadas, possibilitando captar a existência de ‘redes de parentesco’, muitas vezes ‘decisivas para a sobrevivência familiar ou a mobilidade social’”. Através do “[...] *récit de vie*, é possível compreender porque as pessoas partiram, porque elas voltaram, ou porque elas permaneceram no lugar de origem” (SILVA, 2010, p. 27).

---

<sup>3</sup> As entrevistas foram realizadas em pesquisas anteriores para o TCC e dissertação em História. Ambas tiveram a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade ao qual a pesquisa estava vinculada. A grande maioria foi realizada de forma presencial nos distritos de Raul Peña, Santa Rita, San Alberto, como imigrantes que ainda residem no Departamento de Alto Paraná, Paraguai, em julho de 2018. Uma entrevista foi realizada de forma *online* com um imigrante que reside em Naranjal, em 2016. As demais foram feitas em Foz do Iguaçu e Santa Terezinha de Itaipu, com retornados, em janeiro de 2019.

Dessa forma, foram selecionadas algumas entrevistas a partir das quais se buscará, ao longo do trabalho, analisar o papel das redes nas trajetórias migratórias realizadas por esses sujeitos. Considerando-se que a grande maioria deles realizou uma ou mais migrações dentro do estado do Paraná, tomar-se-á essa migração como ponto de partida. Após, serão analisadas as redes na emigração para o Paraguai e a importância delas para o estabelecimento dos imigrantes no país vizinho.

### **A noção de redes nas trajetórias migratórias**

Percebe-se, entre a população rural brasileira, um constante processo migratório. E essa itinerância, para Sales (1996), configura a grande característica do trabalhador do campo brasileiro, que marca desde o período colonial até os assalariados rurais atuais, como os trabalhadores clandestinos e boias-frias. A itinerância ocasionada por estruturas que remontam ao predomínio político e econômico do latifundiário foi responsável pela ocupação da nossa fronteira agrícola (SALES, 1996). Em grande parte dessas migrações, o elemento constituinte e fundamental para a mobilidade foram as redes. As redes tiveram grande influência na decisão pela migração no interior do Brasil e pela emigração para o Paraguai.

Quanto à importância das redes, Fazito (2010) defende que só o desejo de migrar, por si só, não leva a pessoa a migrar. O sujeito deve estar em condições ou em uma posição estrutural que torna possível a migração. Essa posição somente é alcançada se o sujeito está inserido em redes. Por meio delas, muitos imigrantes brasileiros tiveram o acesso à propriedade da terra, ao arrendamento e ao trabalho remunerado no campo. Essas oportunidades foram divulgadas por meio de redes de relações que foram se constituindo por conhecidos, parentes, religiosos, vizinhos, amigos, corretores de imóveis e pelos meios de comunicação, como o rádio. A credibilidade se tornava fator decisivo para a compra de terras e migração.

As redes sociais tiveram um papel importante nessas emigrações para o país vizinho. Segundo Tedesco (2010), as redes sociais influenciam e organizam as ações individuais dos sujeitos. As redes, ao mesmo tempo em que surgem e migram, tornam-se dinâmicas, alteram-se e se movem. Possibilitam trocas e criam laços, havendo doações e débitos que atravessam territórios; trabalham como nós conectados por horizontes de várias dimensões e se fortificam devido às demandas, distâncias, ausências e falta de relação entre os imigrantes. Ainda, as redes se tornam fortes com o agrupamento regional e de descendência. Por fim, unem-se devido aos objetivos comuns e intenções que se cruzam.

Para Santos, fazer parte de uma “[...] rede social implica oportunizar recursos e informações, o que permite ao migrante amenizar as dificuldades de sua travessia, desde sua partida até a hospedagem no local de destino e a garantia do emprego” (SANTOS, 2021, p. 57). Segundo a autora, uma das definições mais utilizadas ao se pensar em redes é a desenvolvida por Massey, estudando imigrantes nos Estados Unidos.

A rede de migrantes consiste em ligações sociais que ligam comunidades de origem a pontos específicos de destino nas sociedades receptoras. Esses laços ligam migrantes e não migrantes dentro de uma complexa teia de papéis sociais complementares e relações interpessoais que são mantidos por um tipo informal de expectativas mútuas e comportamentos prescritos. As relações sociais que constituem as redes sociais de migrantes não são exclusivas aos migrantes, mas se desenvolvem como um resultado de laços humanos universais que são moldados por circunstâncias especiais na migração internacional. Esses laços sociais não são criados pelo processo migratório mas adaptados a ele, e ao longo do tempo são reforçados pela experiência comum da própria migração (MASSEY, 1987, p. 140 *apud* SANTOS, 2021, p. 56).

Nesse sentido, as redes se constituem a partir de relações sociais que se dão no espaço. “Rede é sobretudo uma relação social, que prescindem do território como lugar do seu acontecimento e movimento” (SANTOS, 2012, p. 69). Na mesma linha, para Saquet e Mondardo (2008), na atualidade, as migrações formam uma “experiência integrada” do espaço, que somente é possível se os migrantes estão organizados em rede, por meio de várias relações que, por muitas vezes, abrangem o local e o global. Nos territórios de origem e de destino, existem múltiplas relações e vínculos criados pelos migrantes quando realizam suas trajetórias e quando se reterritorializam. Assim, na migração, a construção dos territórios “[...] passa por uma dinâmica em redes que conectam diferentes nós interligados através do vínculo e dos contatos estabelecidos” (SAQUET; MONDARDO, 2008, p. 120).

### **“Aonde um vai, o outro tem que ir também”**

A itinerância fez parte da família de P.S.<sup>4</sup>, que realizou várias trajetórias migratórias em busca de terras melhores, em grande quantidade e com um preço acessível. Nascido em São Sebastião do Caí, RS, migra com seus pais e quatro irmãos, no ano de 1953, para o atual São João do Oeste, município desmembrado da antiga colônia Porto Novo/Itapiranga, em Santa Catarina, em busca de mais terras. Porém, acabam realizando

---

<sup>4</sup> Mesmo tendo o consentimento dos entrevistados para a utilização das entrevistas mediante a assinatura do termo, optou-se por utilizar as iniciais de nome e sobrenome deles, para uma maior privacidade e segurança de suas identidades.

outra migração agora para o município de Missal, no Paraná, pois a terra adquirida não favorecia o cultivo.

Além da itinerância, outro elemento peculiar presente na migração dessas famílias são as redes. As redes de apoio e referência, para esses migrantes, podiam ser tanto de familiares e conhecidos como religiosas. A credibilidade das mesmas tornava-se fator decisivo para a compra de terras e migração. Para os pais de P.S., a presença dos padres jesuítas em Missal, Paraná, foi um elemento bastante considerado para a aquisição das terras, pois nos municípios de São Sebastião do Caí, RS, e Itapiranga, SC, essa congregação/ordem religiosa católica também estava inserida.

Já tinha ido muita gente lá para o Paraná; tinha um vendedor de terras do Paraná, primo do meu pai, que vendia em Toledo. Ele queria e o pai sempre queria vender e ir embora, e a mãe falou: - “Não, tem [que] primeiro olhar”, o pai iria vender sem olhar. No fim, meu irmão mais velho já tinha comprado no Paraná, então o pai e a mãe foram juntos. Tinha um comprador lá e foram juntos e compraram. Mas a história, mais ou menos, um pouco, sempre trata-se de acompanhar. Tipo, a igreja, que lá era *Volkverein*, só vendia para católicos. Em Missal, era a terra dos bispos; também um padre foi o colonizador, então, quer dizer, sempre acompanhava um pouco a igreja, sempre acompanhando os jesuítas<sup>5</sup>.

O contato com o primo do pai de P.S. e o seu irmão também teve a sua parcela de importância na aquisição de terras pelo casal em Missal. Nesse município, a família conseguiu comprar mais terras, as quais não eram favoráveis para o cultivo, o que levou a uma nova busca em extensões paraguaias. Na trajetória ao Paraguai, percebe-se uma migração feita e motivada pela migração de muitos conhecidos a esse país: “[...] as terras lá onde o meu pai comprou, onde nós estávamos, não eram boas que nem aqui [Santa Rita] assim. Daí a turma começou a vender para ir lá para o Paraguai, daí foi um, foi o outro, foram os vizinhos; o meu pai veio junto uma vez e comprou para três filhos”<sup>6</sup>.

O pai do narrador adquiriu terras para três de seus dez filhos, os quais acabam constituindo famílias e se estabelecendo no Paraguai. Alguns anos depois, em 1977, o entrevistado adquire terras próximas às dos seus irmãos, no atual distrito de Santa Rita e, no dia 28 de fevereiro 1978, migra com o filho mais velho para construir um galpão em suas terras. Quinze dias após, a esposa também foi com a família de Caibaté, RS, para Missal, PR, mudando-se juntamente com os demais filhos do casal para o Paraguai.

<sup>5</sup> P. S., agricultor, natural de São Sebastião do Caí, RS, residente em Santa Rita, PY, entrevista concedida em 27 jul. 2018.

<sup>6</sup> P. S., agricultor, natural de São Sebastião do Caí, RS, residente em Santa Rita, PY, entrevista concedida em 27 jul. 2018.

Por fim, no ano de 1985, o patriarca da família e a sua esposa fixam residência próxima a dos seus filhos, em Santa Rita, PY. O que motivava a família para a migração era a busca por terras melhores, em grande quantidade e por um preço acessível, algo que apenas se tornou possível por completo no país vizinho.

Essa busca também levou a família de D.B., natural de Três Passos, RS, a realizar várias trajetórias migratórias no interior de alguns estados do Brasil. Em 1976, migraram para uma localidade do município de São Miguel do Iguaçu, que atualmente originou o município de Itaipulândia, PR. Em 1983, deslocaram-se para Dourados, MS, e, no ano de 1984, para San Alberto, Paraguai.

O meu pai, lá em Três Passos, lutava com lavoura; é lugar de muita dificuldade, muita pedra, morro, lugar ruim de trabalhar. Daí a gente veio para o Paraná [atualmente Itaipulândia]. Paraná tinha terra boa, mas conforme foi crescendo a família, as terras ficaram muito caras. A gente foi para o Mato Grosso [Sul] [Dourados], e daí lá nos damos mal também, porque as terras não eram muito boas, era terra fraca. Daí a gente veio para o Paraguai, tinha bastante brasileiros morando aqui, gostamos do lugar, terra boa, daí a gente mudou para cá<sup>7</sup>.

Para muitos migrantes, que realizaram várias trajetórias migratórias no interior do Brasil, o Paraguai surgia como oportunidade para que se tornassem proprietários de terras, algo até então não possível no país de origem. L.G., natural de Lavínia, São Paulo, trabalhava com a família como diarista nas plantações de café. No ano de 1955, vai para Londrina, na região norte do estado do Paraná, em busca de um “lugar mais novo”, onde igualmente trabalhou como diarista nas plantações cafeeiras. O entrevistado descreve como se deu essa migração e o trabalho realizado, da seguinte maneira:

Através de parentes que já tinham vindo antes, alguns antes, na frente e tal, né? Daí vem um, daqui a pouco vem outro, e aí vieram todos para o Paraná mesmo, para Londrina, na região norte do Paraná [...]. Quando começamos o plantio de café naquele tempo, foi em [19]55, mais ou menos nos anos [19]55, né? O meu pai tinha muito costume com esse tipo de lavoura e a gente cresceu naquele meio ali, sempre trabalhando para os outros fazendeiros<sup>8</sup>.

Este entrevistado faz parte, junto de sua família, de uma migração ligada à “[...] frente de expansão do café”. Como ele mesmo descreve, era uma migração articulada por parentes que acabam migrando e incentivando os demais, constituindo-se como elo para a

<sup>7</sup> D. B., agricultor, natural de Três Passos, RS, residente em San Alberto, PY, entrevista concedida em 28 ago. 2018.

<sup>8</sup> L. G., aposentado, natural de Lavínia, SP, residente em Foz do Iguaçu, PR, entrevista realizada em 20 jan. 2019.

migração de outros familiares. A atividade desempenhada pelo entrevistado no cultivo do café era a mesma de São Paulo e, como ele afirma, “[...] sempre trabalhando para os outros”. Até que, em 1973, as coisas mudam, isso quando ele e a família migram para a colônia recém fundada de Los Cedrales, Departamento de Alto Paraná, no Paraguai, buscando:

Procurar melhorar mesmo, né? Que trabalhava, morava em Londrina, trabalhava de empregado, e terra lá na região já não existia mais. E, no Paraguai, surgiu, na época, essa oportunidade de terras baratas, então a gente foi para lá, eu de sócio com outro cunhado, conseguimos comprar cinco alqueires de terra, cinco alqueires de terra é muita terra, né? Então a gente entrou no mato e sofreu bastante, porque até derrubar, até começar o plantio e tudo, né? Foi tempo, passamos muita necessidade, muita brutalidade mesmo<sup>9</sup>.

O entrevistado e o cunhado aproveitam a oferta de terras baratas no Paraguai, algo que não existia na região em que residiam no Paraná. Assim, passaram a trabalhar, apesar das muitas dificuldades, em terras das quais eram proprietários e não mais em lavouras de café. O narrador emigra com a família nuclear e com as famílias de seus cunhados que também moravam no Paraná, acabando por retornar para Foz do Iguaçu, PR, local no qual se reinsere parte dos familiares quando regressam do Paraguai. Tudo isso faz perceber o quanto esse espaço é referência para esses imigrantes.

A migração para o estado do Paraná também faz parte da trajetória da migrante T.B. e do seu esposo. Natural do município de Grão-Pará, Santa Catarina, chega em Medianeira com o seu marido no ano de 1969, vindo a residir com o seu irmão e a trabalhar em terras arrendadas no cultivo do café. Sobre a decisão de migrar ela assim se expressa: “É a onda!!! O pessoal, muitos iam para o Paraná, né? Os parentes, os irmãos dele, os meus irmãos já tinham ido, daí sabe, é uma sarna! Aonde um vai, o outro tem que ir também, acha que é melhor”<sup>10</sup>. Como relatou, com muitos detalhes e clareza, a decisão de migrar para o Paraná se deu pela insistência de familiares que já haviam migrado e se encontravam bem estabelecidos naquele estado.

O deslocamento da entrevistada foi influenciado por cadeias migratórias, as quais “[...] se refiere a la transferencia de información y apoyos materiales que familiares, amigos o paisanos ofrecen a los potenciales migrantes para decidir, o eventualmente, concretar su viaje” (PEDONE, 2010, p. 107). Os familiares aqui tiveram um papel decisivo para a migração do casal para o estado do Paraná e, após alguns anos, para o Paraguai.

<sup>9</sup> L. G., aposentado, natural de Lavínia, SP, residente em Foz do Iguaçu, PR, entrevista realizada em 20 jan. 2019.

<sup>10</sup> T. B., natural de Grão-Pará, SC, residente em Santa Rita, PY, entrevista concedida em 27 jul. 2018.

Na trajetória de A. H., o fator determinante para o deslocamento foi a presença e o incentivo de familiares que já haviam realizado a migração para esses locais. Ela, natural de Estrela Velha, RS, migra com esposo e filhos, seguindo esses familiares que haviam migrado há mais tempo. A primeira migração foi para uma localidade denominada de Novo Sobradinho, atualmente distrito de Toledo, no estado do Paraná, no ano de 1969. E a segunda, quatro anos depois, para o município de Santa Helena. Já no ano de 1977, diante do risco de ter as suas terras inundadas pela represa da usina de Itaipu, a família se muda para a colônia de Santa Rosa del Monday, no Paraguai.

A migração dos irmãos do pai de I. C. para o Paraguai influencia o seu deslocamento e de sua família, pois em Cerro Largo, RS, já estava distante de boa parte dos familiares que haviam emigrado. Porém, em um primeiro momento, I. C. e sua família não para o Paraguai, mas para o estado do Paraná, pois na época, como tinha filhos pequenos, achou prudente esperar que eles crescessem um pouco mais para emigrar para o país vizinho. A família migra então, por volta do ano de 1975, para uma localidade denominada Dom Armando, atualmente distrito do município de Missal, PR, onde adquire terras. Além de nelas trabalhar, o pai da entrevistada exercia a profissão de pedreiro, profissão que desempenhou por um longo período de sua vida. No ano de 1980, a família da entrevistada emigra, por influência de tios paternos e maternos que estavam bem estabelecidos na colônia de Santa Rosa del Monday, no Paraguai. Partem, como assim expressa:

Para trabalhar, para fazer dinheiro mesmo, para fazer futuro, né? Porque ali, no Paraná, eles tiveram mais três filhos, mais três irmãos meus, que nasceram no Paraná. Aí o pai falava assim: “- Nós temos nove filhos e agora tá na hora de nós migrarmos para ir para um lugar para comprar mais terras, para nós podermos trabalhar, fazemos um futuro, alguma coisa!” Que aí [Dom Armando] já era complicado viver em cima de meia colônia de terra, né?<sup>11</sup>.

A região leste do Paraguai atrai brasileiros para as mais diversas atividades, mas a realidade encontrada nas colônias recém-fundadas não as torna viáveis, levando a que repensem os seus planos. Em uma tarde de inverno, em San Alberto, distrito do norte do estado de Alto Paraná, conheci N. S. e a sua esposa. Entre risos e chimarrão, me contaram um pouco de suas trajetórias migratórias. O entrevistado, natural de Aratiba, Rio Grande do Sul, migrou com a sua família para o município de Ampere, no Paraná, em busca de terras melhores para o cultivo. Depois de um tempo, migra mais uma vez para o atual município de

---

<sup>11</sup> I. C., natural de Cerro Largo, RS, residente em Santa Terezinha de Itaipu, PR, entrevista concedida em 14 jan. 2019.

Vera Cruz, no Paraná, e passa a trabalhar na oficina do seu cunhado. Já no ano de 1978, em visita ao Paraguai, muda os seus planos e adquire terras naquele país.

Fiquei um tempo trabalhando na oficina do meu cunhado, ali em Vera Cruz, né [...]. Daí que partiu essa ideia de vir para cá. Nós tínhamos um colega, que tinha um irmão dele aqui, e viemos para visitar esse irmão do nosso colega, e já com a intenção de colocar um acessório aqui. Já trouxemos um pouco de peça, assim, na Brasília, e já iria ficar aqui, alugar uma porta aqui [...], mas como fomos rodar a cidade [...] e não tinha carro, era só bicicleta e carrinho de cavalo, tinha uns três carros, [...] daí o meu cunhado falou: “- Mas [loja de] acessório para quê?” Então, fomos, tinha um açougue chamado Bambu [...] e compramos uma carne e fomos ao sítio, onde morava o irmão do nosso colega. E lá esse irmão do nosso colega falou: “- Óh, o vizinho ali tem um sítio para vender”. Daí almoçamos, fomos lá para comprar o sítio, e como nós não tínhamos dinheiro junto, deixamos conversado, assim falado, e deixamos o relógio em garantia. Se nós não voltássemos até sábado, nós perdíamos o relógio. Daí voltamos lá para Vera Cruz e arrumei a minha mala e trouxe as minhas coisas, e no sábado nós viemos. Então, viemos, fizemos o pagamento, ele saiu de cima da terra e eu fiquei ali trabalhando<sup>12</sup>.

Nesse sentido, percebe que, naquele momento, os planos do seu cunhado e dele não seriam viáveis pela realidade que encontraram em San Alberto, que, na época, era uma pequena colônia que estava surgindo. Porém, não volta para casa desapontado por seus planos não terem sido concretizados, mas se aproveita da informação fornecida pelos seus contatos estabelecidos e averigua a oportunidade de adquirir um sítio, efetivando a compra. Assim, retorna para casa determinado a conseguir em uma semana o dinheiro necessário.

O entrevistado, dessa maneira, aproveita-se das redes em que estava inserido para conseguir uma oportunidade melhor de vida. Como Soares (2002), percebe que os indivíduos estão conectados por complexas e amplas redes sociais, que se manifestam em diversos interesses. Essas funcionam “[...] como circuito de tráfego no ambiente social, como trajetórias relacionais possíveis que ligam certos atores/nós e fornecem, a um só tempo, **oportunidades e constrangimentos**” (SOARES, 2002, p. 4, grifo do autor).

Quem também aproveita a oportunidade ofertada pela rede social na qual estava inserido é o pai de S. R., natural de Iporã do Oeste, SC, que migrou para Missal, PR, em 1966 e depois para Naranjal, PY, em 1978.

O meu pai fazia parte da cooperativa daqui de Missal, e o presidente da cooperativa, como estavam [na época] construindo a barragem. O principal motivo da gente sair dali foi a barragem, mas a nossa terra não fazia parte da barragem, né? Só que daí apareceu a ocasião de sair, porque muita gente estava saindo, né? Daí, esse presidente da cooperativa, que é o fundador, ele

<sup>12</sup> N. S., natural de Aratiba, RS, residente em San Alberto, PY, entrevista concedida em 28 jul. 2018.

tinha essas terras lá no Paraguai, e ali em Missal eles estavam precisando dessa terra para construir a cooperativa, e ele ofereceu para o pai, né? E lá na região [Paraguai] não tinha ninguém da nossa região [Missal], foi só porque o amigo dele aqui da cooperativa tinha essa terra lá. Porque lá tinha bastante terra e aqui em Missal, assim, a gente não iria crescer, né? Pelo tanto de filhos [que] era. O pai não tinha condição de comprar mais terra para nós<sup>13</sup>.

No relato acima, o pai da entrevistada, diante da oferta de terras, reflete e considera a proposta do amigo que possuía “bastante” terras no Paraguai, realizando com ele a troca da sua propriedade em Missal, pois constatou que, tendo uma família numerosa e com poucas condições financeiras para adquirir mais terras, as possibilidades de crescimento e prosperidade financeira eram inexistentes.

Segundo Sprandel (1992), os pequenos proprietários ficaram cientes de que estavam migrando ao “Paraguai, enquanto Estado-nação distinto”. Muitos eram atraídos pelos anúncios de companhias colonizadoras que atuavam no oeste do Paraná. A autora acrescenta que “[...] os corretores dessas companhias tinham o cuidado de divulgar as facilidades então oferecidas pelo governo paraguaio (isenção de impostos e crédito bancário), e alguns chegavam a alardear a possibilidade de as terras virem a se converter em brasileiras” (SPRANDEL, 1992, p. 158).

A travessia da fronteira pelos imigrantes brasileiros, de acordo com Wagner (1990), era constante e desorganizada na aduana do Paraguai, em Foz do Iguaçu. No Paraguai, entravam homens, máquinas e animais como se tivessem cruzado e entrado em outro estado do Brasil. Em rádios dos municípios do interior brasileiro, especialmente no Rio Grande do Sul, pipocavam depoimentos de colonos, que divulgavam ter conseguido ficar ricos rapidamente no Paraguai. Porém, a realidade mostrada pelos colonizadores não era bem a encontrada.

A família de A.O. é um exemplo dessa situação. O seu pai, motivado pela propaganda da venda de terras no Paraguai anunciada por meio da rádio Alvorada de Londrina, no programa de Elias Siqueira Martins, adquiriu 10 alqueires de terra naquele país, na colônia de Los Cedrales, no ano de 1975. Contudo, sem disporem de conhecimento das terras, acabam encontrando uma realidade não imaginada:

Nós escutávamos, através do rádio, a propaganda que lá no Paraguai tinha muitos mil alqueires de terras [...]. Esse tal de Siqueira Martins nós escutávamos só pelo rádio, ele anunciando, fazendo propaganda que tinha

---

<sup>13</sup> S. R., professora, natural de Iporã do Oeste, SC, residente em Santa Terezinha de Itaipu, PR, entrevista concedida em 15 jan. 2019.

essas terras, muitos mil alqueires, na região de Los Cedrales, Paraguai. Terra boa para plantar café, mas não era nada disso, para lavoura sim, para café não. Daí o pai comprou esse terreno lá<sup>14</sup>.

Natural de Porteirinha, Minas Gerais, a família que possuía experiência no cultivo de café realizou várias migrações dentro do estado do Paraná, na região de Londrina, trabalhando como arrendatária nas plantações de café. Nesse sentido, o Paraguai aparecia como uma possibilidade para poder cultivar em suas terras o café, no entanto, a expectativa foi desfeita ao ocupar aquele espaço, favorável para outros cultivos.

O deslocamento para o Paraguai nem sempre era algo que, em um primeiro momento, atraía os migrantes. Ao ficarem sabendo da oferta de terras no Paraguai e do interesse dos cônjuges por essa possibilidade, os migrantes demonstraram muito receio devido à “fama dos paraguaios” e à “Guerra do Paraguai”.

Daí começou a “sarna” do Paraguai, que uns viam, daí outros também iam, e os outros queriam ir também, querem coisa, daí tudo é fácil. Eu dizia: “Meu Deus!!!” Eu tremia as pernas. Meu Deus! A fama do Paraguai e da Guerra. Tinha uns paraguaios que vinham trabalhar de peão em Medianeira, “ixi”, eles eram ferozes! Qualquer coisa lá eles corriam de foice atrás de uns lá. Daí a Guerra do Paraguai, né? Daí naquela época teve a Copa do Mundo, em Asunción, e daí a turma de Medianeira foi a Asunción assistir ao jogo, era no tempo do Pelé [...] diz que passaram um apuro lá no estádio, e ainda era centenário da Guerra do Paraguai [...] diz que nas arquibancadas tinha bolsinha de urina, de “merda” e jogavam nos brasileiros. Depois, lá em Asunción, uns brasileiros lá meio querendo dar uma de turistas e os paraguaios chamaram eles lá: “Vamos mostrar a cidade... aqui [é] o Panteon dos heróis, aqui estão esses que vocês mataram na guerra”. Diz que passaram uns apuros quando estavam vindo embora, uns paraguaios nos barrancos atiraram pedras nos carros dos brasileiros. Isso era em [19]70, mas daí em [19]74 começa a fama do Paraguai. Eu com tudo isso na cabeça não queria vir de jeito nenhum, mas o outro [esposo] uma coragem que!!!<sup>15</sup>.

No relato dessa entrevista, percebe-se que a decisão de ir para o Paraguai não foi sua, mas sim do esposo, que, motivado pela emigração de conhecidos que relataram suas experiências positivas, insistiu – como expressa o termo “sarna” – que a família deveria se deslocar para lá. A aversão e o medo da entrevistada ao Paraguai se basearam em uma visão estereotipada e generalizada dos paraguaios a partir de algumas vivências negativas por parte de outros brasileiros com alguns paraguaios, pois a entrevistada nem conhecia o Paraguai, tanto que, em seu relato, recorre a outra fala para legitimar aquilo que ouviu dizer sobre o Paraguai, afirmando três vezes as palavras “diz que” ao episódio vivenciado por algumas

<sup>14</sup> A. O., aposentado, natural de Porteirinha, MG, residente em Foz do Iguaçu, PR, entrevista concedida em 20 jan. 2019.

<sup>15</sup> T. B., natural de Grão-Pará, SC, residente em Santa Rita, PY, entrevista concedida em 27 jul. 2018.

peças de sua cidade. Esse preconceito de uma parte dos brasileiros com os paraguaios ou com o país se apresenta ainda hoje e de várias formas.

Do lado paraguaio, existe também aversão de uma parte dos paraguaios aos brasileiros. Por meio do relato, evidencia-se o quanto os acontecimentos históricos do passado marcam e permanecem ainda vivos no presente dessas pessoas. Nota-se, nesses conflitos, a presença de um imaginário social em ação, ligado à Guerra da Tríplice Aliança, muito presente na memória dos paraguaios. Segundo Baczko (1985, p. 311), “[...] o imaginário social elaborado e consolidado por uma coletividade é uma das respostas que esta dá aos seus conflitos, divisões e violências reais ou potenciais”. O autor acrescenta que “[...] todas as coletividades têm os seus modos de funcionamento específicos a este tipo de representações. Nomeadamente, elaboram os meios da sua difusão e formam os seus guardiães e gestores, em suma, o seu pessoal” (BACZKO, 1985, p. 311). Esse imaginário social em ação se manifesta ainda mais intensamente nessa região de fronteira, onde a presença brasileira é maior e, conseqüentemente, o contato entre os dois países é mais intenso.

### **A chegada e o estabelecimento em terras paraguaias**

De acordo com Albuquerque, os imigrantes brasileiros, provenientes de vários estados, entraram no Paraguai, em sua grande maioria, cruzando a fronteira entre o Paraná e o departamento do Alto Paraná, bem como pela “fronteira seca” entre o Mato Grosso do Sul e os departamentos de Canindeyú e Amambay’. O autor acrescenta que:

Os principais lugares de entrada e de saída de brasileiros foram e são a Ponte da Amizade, o lago Itaipu e vários pontos da “fronteira seca”. Muitos entraram sem nenhum visto e quase sem nenhuma fiscalização. Principalmente na década de 1970, vários caminhões de mudança atravessavam o limite todos os dias, uns ficavam nas cidades e vilas fronteiriças e outros desapareciam no mato, cobertos pela poeira vermelha das primeiras estradas (ALBUQUERQUE, 2005, p. 86).

Os imigrantes brasileiros, ao adentrarem o Paraguai, por enfrentarem dificuldades semelhantes, acabaram tornando-se solidários. A fala abaixo de J.K. ajuda a entender um pouco como funcionava essa solidariedade entre eles:

Nós viemos os primeiros do município de Guarani das Missões, os primeiros imigrantes, [...]. E nós acolhemos algum, alguma pessoa que vinha comprar

terra ficava em nossa casa hospedada. Eu cozinhava, até lavava a roupa para alguns<sup>16</sup>.

No relato da entrevistada sobre a migração aparece um elemento de fundamental importância para a ida e permanência das famílias: a ajuda e a acolhida aos imigrantes que adquiriram as suas terras naquela região. A relação entre os migrantes que já se encontravam há mais tempo no Paraguai com os que estavam aos poucos chegando era, como aparece também em outras entrevistas, muito solidária, o que facilitou a adaptação ao país de destino.

Havia, entre esses que vivenciavam a experiência da migração, uma hospitalidade, muitas vezes semelhante pelas condições e adversidades encontradas. Para Ramos, “[...] a relação de hospitalidade pressupõe consideração do outro como semelhante”, logo, “[...] trata-se de um convite para o exercício da sensibilidade, do questionamento dos próprios valores, da ética e, principalmente, da responsabilidade universal”. Ao mesmo tempo, “[...] receber pode ser um exercício de poder sobre o outro, inserindo-o ou não em uma rede de relacionamento e oferecendo-lhes coisas que deveriam ser de seu direito, como elementos de um privilégio” (RAMOS, 2003, p. 28-31).

Em relatos de um grupo de imigrantes o Paraguai era apontado como muito acolhedor. O país, pautado em uma política de viés econômico, favoreceu a abertura de fronteiras aos imigrantes brasileiros. Essa hospitalidade do país aos brasileiros ocorre em um contexto de ditadura, em que a violência praticada pelo Estado foi muito grande. Os Arquivos do Terror registram em torno de 10.000 vítimas, o que não representa o número total. “Apenas se desarrolla la investigación, los datos de víctimas se duplican, llegan a 20.000 (CVJ, I, 48)” (RODRÍGUEZ, 2014, p. 13). É necessário somar as vítimas indiretas que foram muito mais numerosas que as diretas. Com isso, chega-se ao número de 128.000 vítimas em um período que a população paraguaia representava a cifra de um milhão e meio de pessoas (RODRÍGUEZ, 2014). É importante mencionar que, se por um lado, um grupo de entrevistados apontou esse período como muito favorável ao imigrante, outro grupo de entrevistados afirmou ser um período muito difícil, violento e de vigilância, principalmente de atividades comunitárias.

A solidariedade e reciprocidade, elementos que caracterizavam os familiares que permaneceram nas pequenas comunidades de origem desses migrantes, foram importantes em todo o processo de migração, fixação e organização das novas comunidades. Na seguinte fala de L.F. pode-se compreender um pouco mais:

---

<sup>16</sup> J. K., natural de Guarani das Missões, RS, residente em Raul Penã, PY, entrevista concedida em 26 jul. 2018.

Nós casamos num sábado e no outro sábado já estávamos aqui [Paraguai] de mudança [...]. Nós pagamos um caminhão lá [Brasil] e, com a nossa mudança, foram onze pessoas [que] nos mandaram coisas junto [...]. No nosso caminhão veio bastante comida, farinha, arroz, “coisarada” assim, até mandioca, tudo com os pés de mandioca, tudo assim sabe, carne, carne em lata. Isso de lá mandava, parente mandava coisa para mandar para os outros, coisa para trabalhar no mato. Nós trouxemos uma vaca e uma criação, um pouco de porco e um pouco de galinha. Assim, nós vínhamos<sup>17</sup>.

Nos relatos envolvendo a viagem, percebem-se a preocupação e a organização das famílias. Maquinários, gêneros alimentícios de primeira necessidade, animais, plantas, móveis eram transportados em caminhões para as novas terras adquiridas no Paraguai. Aqueles que migravam contavam com o auxílio dos familiares que ficavam ou dos que moravam em cidades por onde iriam percorrer para entrar no Paraguai. Os relatos de alguns imigrantes mencionam a ajuda recebida pelos familiares que ficaram no Brasil com alimentos, bens materiais e, também, dinheiro tanto para as primeiras lavouras quanto para saldar dívidas contraídas com os bancos no Paraguai.

Em seu relato, A.H afirma que realizou a emigração para Santa Rosa del Monday, juntamente com mais cinco famílias, que trouxeram a mudança em um único caminhão. Como descreve a entrevistada, “[...] os homens foram catorze dias antes fazer uma casa assim, e daí todo mundo se ajeitou [...] e daí foi feita uma construção assim, que serviu de escola e igreja para culto e para missa, e todas as crianças iam ali para aula”<sup>18</sup>. A narrativa mostra que a emigração também acontecia por meio da parceria entre os homens das famílias, os quais migravam antes juntos para realizarem as benfeitorias necessárias à instalação de todos.

Essas articulações feitas entre os imigrantes também se fizeram presentes entre os italianos que chegaram à América, como pontua Vendrame. Em seu estudo, eles eram vistos como atores sociais que procuravam se apoiar em redes de relações, visando conseguir informações seguras sobre as possibilidades de trabalho e outras vantagens em novas terras. O emigrante orienta sua conduta e age para modificar a realidade na qual se encontra presente. Havia uma articulação coletiva para o deslocamento que, por sua vez, era reforçada pelos laços parentais ou de solidariedade entre os sujeitos, o que possibilitava as atividades conjuntas na ocupação das novas terras e a organização das comunidades recém-fundadas

---

<sup>17</sup> L. F., agricultora, natural de São Sebastião do Caí, RS, residente em Naranjal, PY, entrevista realizada em 8 ago. 2016 e 25 ago. 2016.

<sup>18</sup> A. H., aposentada, natural de Estrela Velha, RS, residente em Santa Terezinha de Itaipu, PR, entrevista concedida em 13 jan. 2019.

(VENDRAME, 2015), o que amenizava as dificuldades na adaptação e inserção em novas terras.

Para Souchaud (2007), nos primeiros tempos após a migração ao Paraguai, poder contar com o apoio entre si, tanto na zona pioneira como na área rural periférica, foi certamente um dos aspectos centrais de êxito nas primeiras décadas. Por outro lado, a fraca organização da frente nos seus espaços avançados e o pouco enraizamento no local de origem fizeram com que muitos pioneiros fossem expulsos facilmente a partir de uma frente onde eles não poderiam encontrar lugar.

Conforme foram fixando-se em novas terras, estabeleciam-se e se articulavam para a construção de igrejas, escolas, sendo que os agricultores sentiam a necessidade de formar as cooperativas, surgindo, assim, os primeiros comércios, campos de futebol, bares, segundo o modelo existente nos lugares de origem ou de partida no Brasil. Porém, buscava-se adaptar um pouco mais, ou menos, a realidade encontrada no Paraguai. Na convivência comunitária, surgia um espaço interessante para a constituição e a atuação de lideranças, o que demonstrava que os imigrantes, em algumas situações, eram agentes protagonistas no espaço ocupado e nem tão vítimas da migração.

De acordo com Souchaud (2007), empreendimentos individuais se articularam em amplas redes transfronteiriças ao redor de uma família ou de uma comunidade religiosa, que se responsabilizou pela criação de uma colônia e estava na origem da constituição e organização do fluxo de migração. A solidariedade e a ajuda mútua entre os sujeitos tornaram mais fácil a superação das dificuldades de viajar e romper o isolamento durante a instalação.

### **Considerações finais**

A migração de brasileiros ao Paraguai faz parte da política de aproximação entre os dois países, que possibilitou a criação de obras importantes e acordos entre ambos, tornando a “fronteira aberta” aos brasileiros para a compra de terras no país vizinho. Existem duas frentes de migração brasileira que adentraram o Paraguai em busca de terras ou de arrendamentos: uma que parte dos estados do Sul do Brasil e outra dos estados do Nordeste, passando pelo Sudeste e pelo Paraná para depois migrar para o Paraguai. Nesse sentido, as trajetórias migratórias dos sujeitos são múltiplas com algumas semelhanças, mas com muitas diferenças quanto a questões de recursos financeiros.

Nas trajetórias migratórias analisadas, percebe-se, além da decisão pessoal entre partir ou ficar, a atração exercida e as facilidades propostas pelo Estado, fomentando, desse

modo, políticas de colonização e acesso à propriedade agrária, com fins econômicos, como a ocupação de espaços estratégicos, como as zonas de fronteira e a produção agrícola, vinculada à modernização da agricultura. O projeto migratório fazia parte do cotidiano das famílias examinadas, que, diante da possibilidade de obter terras melhores por preços menores, não hesitavam em se despedir dos familiares, amigos e recomeçarem em outro lugar.

A migração impulsionada por motivações econômicas e familiares, na grande maioria das vezes, acontecia de forma articulada por meio de redes pessoais de contatos, redes familiares, redes sociais constituídas por vizinhos, conhecidos e redes migratórias, que realizavam propaganda, ofereciam oportunidades e tornavam o processo migratório menos custoso. Por sua vez, as redes familiares, entre os entrevistados, possibilitavam a migração de mais indivíduos que se encontravam em antigas terras. E, ao mesmo tempo, tornaram a inserção dos seus entes mais fácil, construindo núcleos familiares amplos que souberam enfrentar as dificuldades por meio do trabalho coletivo.

Percebe-se, nas histórias de vida, o quanto eram estreitas as redes de auxílio entre os migrantes, formadas frequentemente por conhecidos, familiares, amigos e, muitas vezes, por pessoas que nem se conheciam. Contudo, pelo fato de terem feito a mesma migração, tornavam-se solícitos uns com os outros, o que fazia com que a migração fosse menos dolorida e sofrida.

## **Referências**

### **Documentos**

A. H., aposentada, natural de Estrela Velha, RS, residente em Santa Terezinha de Itaipu, PR, entrevista concedida em 13 jan. 2019.

A. O., aposentado, natural de Porteirinha, MG, residente em Foz do Iguaçu, PR, entrevista concedida em 20 jan. 2019.

D. B., agricultor, natural de Três Passos, RS, residente em San Alberto, PY, entrevista concedida em 28 ago. 2018.

I. C., natural de Cerro Largo, RS, residente em Santa Terezinha de Itaipu, PR, entrevista concedida em 14 jan. 2019.

J. K., natural de Guarani das Missões, RS, residente em Raul Penã, PY, entrevista concedida em 26 jul. 2018.

L. F., agricultora, natural de São Sebastião do Caí, RS, residente em Naranjal, PY, entrevista realizada em 8 ago. 2016 e 25 ago. 2016.

L. G., aposentado, natural de Lavínia, SP, residente em Foz do Iguaçu, PR, entrevista realizada em 20 jan. 2019.

N. S., natural de Aratiba, RS, residente em San Alberto, PY, entrevista concedida em 28 jul. 2018.

P.S., agricultor, natural de São Sebastião do Caí, RS, residente em Santa Rita, PY, entrevista concedida em 27 jul. 2018.

S. R., professora, natural de Iporã do Oeste, SC, residente em Santa Terezinha de Itaipu, PR, entrevista concedida em 15 jan. 2019.

T. B., natural de Grão-Pará, SC, residente em Santa Rita, PY, entrevista concedida em 27 jul. 2018.

### **Bibliografia**

ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. *Fronteiras em movimento e identidades nacionais: a imigração brasileira no Paraguai*. 2005. 265f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

BALLER, Leandro. *Fronteira e fronteiriços: a construção das relações sociais e culturais entre brasileiros e paraguaios (1954-2014)*. 2014. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2014.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: ROMANO, Ruggiero (org.). *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985. v. 5, p. 296-332.

BÁRBARA, Marcelo Santa. Brasiguaios: território e jogo de identidades. In: PÓVOA NETO, Helion; FERREIRA, Ademir Pacelli (org.). *Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios*. Rio de Janeiro: Revan, 2005. p. 333-346.

BRUM, Argemiro Jacob. *Modernização da agricultura: trigo e soja*. Ijuí: FIDENE, 1985.

FAZITO, Dimitri. Análise de redes sociais e migração: dois aspectos fundamentais do “retorno”. *RBCS*, v. 25, n. 72, p. 89-176, 2010.

PALAU, Tomás; HEIKEL, María Victoria. *Los campesinos, el Estado y las empresas en la frontera agrícola*. Asunción: Diakonia, 2016.

PEDONE, Claudia. Cadenas y redes migratorias: propuesta metodológica para el análisis diacrónico-temporal de los procesos migratorios. *EMPIRIA: Rev. de Metodología de las Ciencias Sociales*, n. 19, p. 101-132, enero/jun. 2010.

RODRIGUEZ, José Carlos. *Dictadura y Sociedad Civil (1954 - 1989)*. Asunción: El Lector; ABC Color, 2014.

SALES, Teresa. Migrações de fronteira entre o Brasil e os países do Mercosul. *Rev. Brasileira de Estudos Pop.*, Campinas, v. 1, n. 13, p.87-98, mar. 1996.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. Redes e território: reflexões sobre a migração. In: DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (org.). *Redes, sociedades e territórios*. 3. ed. rev. e ampl. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2021. p. 53-80.

SAQUET, Marcos Aurélio; MONDARDO, Marcos Leandro. A construção de territórios na migração por meio de redes de relações sociais. *Revista NERA*, Presidente Prudente, ano 11, n.13, p.118-127, jul./dez. 2008.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Mulheres trabalhadoras rurais: trajetórias e memórias. *RURIS*, São Carlos, v. 4, n 2, p. 13-43, set. 2010.

SOARES, Weber. *Da metáfora à substância: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga*. 2002. 344f. Tese (Doutorado em Demografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

SOUCHAUD, Sylvain. *Geografía de la migración brasileña en Paraguay*. Asunción: UNFPA: ADEPO, 2007.

SPRANDEL, Márcia Anita. *Brasiguaios: conflito e identidade em fronteiras internacionais*. 1992. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

RAMOS, Silvana Pirillo. *Hospitalidade e migrações internacionais: o bem receber e ser recebido*. São Paulo: Aleph, 2003.

TEDESCO, João Carlos. *Estrangeiros, extracomunitários e transnacionais: paradoxos da alteridade nas migrações internacionais Brasileiros na Itália*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2010.

THOMSON, Alistair. Histórias (co) movedoras: história oral e estudos de migração. Tradução de Magda França Lopes. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 341-364, 2002.

VENDRAME, Maíra Ines. Mobilidade, redes e experiências migratórias: reflexões sobre as estratégias de transferência dos imigrantes italianos para o Brasil meridional. In: VENDRAME, Maíra Inês, et al. (org.). *Micro-história, trajetórias e imigração*. São Leopoldo: Oikos, 2015. p. 200-223.

WAGNER, Carlos. *Brasiguaios: homens sem pátria*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.